

EDITORIAL

Os consecutivos anúncios do governo federal de medidas de apoio ao agronegócio brasileiro colocam o setor em uma posição complicada. A população não entende como os agricultores podem ainda pleitear mais alguma coisa após tantas liberações de verba para resolver o agravamento do endividamento em decorrência da crise financeira mundial. No entanto, a prática que o governo tem adotado é de fazer uma série de anúncios de uma mesma medida: primeiro, avisam que analisam um mecanismo; em seguida, confirmam a existência do recurso e, por fim, divulgam a liberação dos montantes. Porém, enquanto junto à população cresce a percepção de que o governo já socorreu mais do que devia o setor, os produtores cada vez têm mais problemas para acessar os escassos recursos.

A estratégia de somar anúncios de um mesmo recurso deixa claro aos produtores que o governo federal pouco está preocupado de fato em resolver o problema de acesso ao crédito. No entanto, somente se valendo dos financiamentos os agricultores poderão investir na manutenção ou na ampliação das lavouras. Sem possibilitar a injeção de recursos na safra, o Brasil perde a oportunidade de ser o fornecedor para o mundo de produtos básicos. Isso em um momento em que a população, por decorrência da crise financeira, precisará substituir alimentos mais caros por outros mais baratos, além de buscar fornecedores capazes de produzir com baixo custo. Este é o período em que o País tem a possibilidade de despontar como celeiro do mundo.

Se, por um lado, cresce a necessidade de substituir alimentos, barateando-os, por outros, a população vai manter o crescimento na demanda por comida. O número de habitantes continua aumentando e a oferta está cada vez mais escassa. Antes de a crise financeira mundial ser deflagrada, o planeta estava voltado para a problemática da fome. De uma hora para a outra, o assunto saiu da agenda, como se não existisse mais. Porém, continua existindo e, se não forem tomadas medidas, vai estourar de uma hora para a outra, exatamente como aconteceu com a crise financeira. E certamente vai aparecer outro país para ocupar a vaga de fornecedor de alimentos, deixando o Brasil, mais uma vez, a ver navios.

Por isso, é necessário que sejam tomadas medidas urgentes e eficazes, ao invés de tapar o sol com a peneira, como tem acontecido até agora. Sem encarar a questão como um real problema, não haverá solução: se adiantar de alguma coisa, será tudo paliativo.

Cyro Martins, cem anos

Blau Souza*

Vida e morte se alternam sempre e a cada instante. No mesmo ano de 2008 são comemorados os centenários da morte de Machado de Assis e do nascimento de Cyro Martins. Ambos escreveram livros impregnados de realidade e convivendo com asperezas humanas até nas entrelinhas. Retrataram realidades fugindo a modelos importados, usaram uma maneira autóctone de fazer literatura. Fizeram isso com muita competência e com sobra de talento. Deixo de lado o *Bruxo do Cosme Velho* e relembro fatos e conceitos em homenagem ao doutor Cyro Martins, o homem do gaúcho a pé.

Filho do seu Bilo, bolicheiro no Garupá, segundo distrito de Quaraí, Cyro cresceu e ganhou nome, sem nunca deixar de ser o guri do interior, fiel a si mesmo, num mundo que evoluiu do gadinho de osso para os ossos dum dia-dia trabalhoso e sem brinquedos. Formou-se em medicina, sem ter roupa adequada para comparecer à solenidade de formatura. Voltou à sua cidade e exerceu a medicina com afinco e dedicação, mas sempre arranjando tempo para escrever alguma coisa *no rabo das horas*. Venceu as lutas do cotidiano e realizou grandes proezas sem jamais abandonar uma simplicidade comovedora. Foi aprovado em concurso para psiquiatra do Hospital São Pedro, numa época pobre de recursos terapêuticos. Ganhou algum dinheiro e o utilizou para realizar sonhos maiores. Viveu no Rio de Janeiro e depois em

Buenos Aires, na busca de conhecimentos em neurologia e na recém surgida psicanálise. Na volta, foi um dos pioneiros desta especialidade em Porto Alegre e um dos responsáveis pela formação de psicanalistas em nosso meio.

Na literatura, soube empregar muito bem suas vivências de guri de campanha e de médico do interior. Poucos o igualam no conhecimento da vida campeira e muito poucos se atreveram a tratar em profundidade o gaúcho empobrecido, forçado a migrar para as cidades, apartado do seu cavalo e do seu uni-

Na sua simplicidade, ele achava que a Exposição de Esteio deveria ser uma festa também para a literatura e lá compareceu para autografar o livro. Encontrei-o em plena charla com leitores, atento, procurando mais conhecer as opiniões deles do que externar as suas. Ao rabiscar a dedicatória para mim, ele iniciou de forma pessoal e inesquecível: Ao Blau, que não é o Nunes...

verso. Cyro Martins consegue em seus personagens uma atmosfera respeitosa e de carinho, apesar dos conflitos e da agressividade de um mundo que lhes fecha as porteiras. Sem examinar detalhes de sua obra, estranho que muitos centros de cultura gaúcha vejam com certas reservas a obra de Cyro Martins. Talvez não queiram se enxergar em páginas de desacerto, sem cavalo e longe dos pagos. Perdem uma oportunidade de crescer, desprezam massa crítica preciosa e uma

visão sem preconceitos. *Sem Rumo, Porteira Fechada e Estrada Nova*, consagraram-no como parteiro do gaúcho a pé; prefiro, entretanto, romances da sua fase de autor maduro, cheio de estórias e de História. Creio que *Gaúchos no Obelisco* e *O Professor* são obras básicas para bem conhecer o homem e o Rio Grande contemporâneos e de leitura extremamente agradável. Não vou falar dos muitos livros de Cyro Martins, prefiro contar pequeno fato relacionado com *O professor*. O livro recém fora lançado e Cyro Martins não desperdiçava oportunidades para divulgá-lo. Sabia o quanto lhe agradara bisbilhotar, através de um professor de campanha, aspectos relacionados ao poder, à Revolução de 23, à vida, obra e morte do poeta Alceu Wamosy. Na sua simplicidade, ele achava que a Exposição de Esteio deveria ser uma festa também para a literatura e lá compareceu para autografar o livro. Encontrei-o em plena charla com leitores, atento, procurando mais conhecer as opiniões deles do que externar as suas. Ao rabiscar a dedicatória para mim, ele iniciou de forma pessoal e inesquecível: *Ao Blau, que não é o Nunes...* De todas as virtudes do homem Cyro Martins, nenhuma superou a generosidade: esbanjou-a. Nos seus livros, há riquezas a cada página que só uma releitura permite identificar. Do Cyro médico, chefe de família, nem falo... Enfim, todas as homenagens parecem pequenas para festejar o centenário do humanista que veio do Quaraí.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul

CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Div. Administração e Finanças
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,
Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Tiago Francisco
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170